

Presença do Islã em Belo Horizonte – Aspectos da Vida Religiosa da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais

Edmar Avelar de Sena

O artigo “Presença do Islã em Belo Horizonte – Aspectos da Vida Religiosa da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais” tem em seu título uma síntese da proposta de conteúdo defendida por seu autor, o mineiro Edmar Avelar de Sena. Professor da pós-graduação em Antropologia da Religião e da graduação em Direito da PUC-Minas, Edmar é também membro do corpo editorial do periódico Vox e coordenador da pesquisa Catolicismo Mineiro e o golpe civil-militar de 1964: Belo Horizonte e Juiz de Fora. Ainda sobre o artigo, ele é baseado no trabalho de campo do pesquisador, o texto é um relato etnográfico da realidade do pequeno grupo de muçulmanos residentes em Belo Horizonte.

O fio condutor da publicação é a transformação ocorrida (e ainda em movimento) do perfil dos frequentadores da Mesquita. Inicialmente, a comunidade era formada basicamente por imigrantes sírios e libaneses que aportaram em terras brasileiras após a Segunda Grande Guerra e que fundaram a Sociedade Beneficente em 1962 com a intenção de permanecer no país para refazer suas finanças e retornar ao país de origem. Não estava presente nestes imigrantes o desejo de divulgar o Islã ou de fazer qualquer tipo de pregação religiosa: “A ideia original era preservar hábitos e costumes, assim como a história e a identidade, mas sem nenhuma pretensão de divulgar a religião.” (SENA, 2013; p.170). No ano de 1991 a obra da Mesquita foi concluída e os poucos estrangeiros que se reuniam em uma sala sobre uma loja de departamentos ganharam visibilidade ao ocupar um espaço próprio em evidência na cidade.

A partir deste momento, ocorreram duas levas de conversões centrais para o autor. E de vital importância é o marco que as separa: os atentados às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001. A explicação básica é a de que entre os anos de 1991 e 2000 o Islã não era, no Brasil e no mundo, uma religião de grande presença midiática, havia pouco conhecimento e interesse sobre ela, o que mudou completamente após 2001 e gerou novas razões para a escolha pelo Islã. O convertido Ismael tornou-se

muçulmano em 1983 motivado por leituras feitas em particular após comprar, por interesse próprio livros sobre a religião.

Outro caso interessante é o de José, brasileiro convertido desde 1974. Seu relato demonstra de forma veemente a vinculação que é feita entre muçulmanos e árabes no Brasil, tema que será abordado em breve, e o peso dos eventos do 11 de setembro até mesmo para aqueles que já haviam escolhido professar a fé islâmica anteriormente:

“(...) eu comprei o Corão e nem pensei em mesquita porque, eu tinha na cabeça que aqui no Brasil só seguia o islamismo os árabes (...). Mas aí veio aquele troço de Nova Iorque, a torre, o atentado, quando veio aquele atentado eu me lembrei: pronto, agora o serviço secreto americano vai perseguir o muçulmano em tudo o que é lugar e como eu sou muçulmano eu sou um soldado da Jihad, agora eu vou me apresentar na mesquita.” (SENA, 2013; p.174)

Após os atentados em Nova Iorque, as razões pelas quais brasileiros se converteram ao Islã mudaram profundamente devido à maior visibilidade que a religião ganhou na sociedade em geral. Os novos membros são reconhecidos por serem atores de um rompimento identitário: eles abrem mão de uma realidade cultural e de uma determinada visão de mundo para uma completamente nova e desafiadora. Nos relatos das famílias dos convertidos são freqüentes menções ao seu novo estilo de vida, com hábitos mais regrados, poucos amigos e ausência de festas e álcool. Os próprios convertidos ressaltam como razões que os levaram a se tornar muçulmanos a clareza, a lógica e a racionalidade desta religião. (SENA, 2013; p.179)

É curioso perceber que este segundo momento de conversões é marcado pela presença de jovens entre 17 e 23 e que são eles os responsáveis por atrair novos membros e fazer a divulgação do Islã.

Por fim, o autor afirma baseado no parecer de outra pesquisadora, que “(...) a divergência maior nas comunidades muçulmanas gira em torno de uma oposição ao chamado arabismo.” (SENA, 2013; p.187). O que se percebe na prática é que o grupo crescente de muçulmanos convertidos em Belo Horizonte não possui identificação étnica com a cultura árabe, a referência primeira da maioria dos nascidos muçulmanos

na cidade. Esta tensão é fruto de uma mudança no perfil dos participantes da comunidade, primordialmente apenas composta por árabes e descendentes, configurando uma fase transitória e, que a médio e longo prazo poderão suscitar outros questionamentos identitários sobre a dinâmica do conjunto.

Irene Niskier